

TRIBUNA Livre

27
ABRIL
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

A previdência

O conceito de previdência é reflexo do grau de cultura do povo em que se manifesta, o que se compreende facilmente, pois o homem é em substância e em última análise, o factor determinante do seu valor.

Nos povoados mais atrasados e incultos, a previdência é tão rudimentar que quase se limita ao puramente fisiológico. Partindo desse ponto de referência, vai o conceito de previdência subindo na hierarquia dos valores, até atingir, no nosso tempo, nos países mais adiantados do mundo — isto é, naqueles onde há menos miséria — Dinamarca, Suécia e Noruega, os paradigmas mais enternecedores e que tanto honram não só os povos que o conceberam, mas até toda a espécie humana, pois são também uma bela afirmação da imensa capacidade criadora de bondade, de justiça social e de amor de que são capazes os homens, quando guiados por altos sentimentos de fraternidade, de compreensão e do sentido prático da existência.

Nesses países, a previdência não é um favor e muito menos uma esmola. É simplesmente um dever, e até uma necessidade nacional, pois não há pátrias fortes, hoje, sem um alto nível de produção racional, ordenada e científica.

E como o elemento vital da produção é o homem, é preciso rodeá-lo de elevado nível sanitário, educativo, artístico e civilizador. É preciso que o homem se sinta feliz e, portanto ao abrigo da miséria, da doença, do desemprego, da velhice, da desgraça, do infortúnio.

É claro que um sistema de previdência desta natureza tem de ser obra de carácter nacional e na qual, têm de participar todos os seus elementos vitais, desde o nascimento até à morte, pelo pagamento de uma quotização adequada que permita garantir a cada cidadão qualquer que seja a sua condição social, o direito irrefutável à previdência compatível com o grau de cultura do aglomerado nacional a que pertence. Isto porque a previdência, sendo obra humana, não pode ter num dado momento as mesmas características em todos os pontos do globo. Dificilmente se encontraria um operário encandinado que, para fugir ao trabalho, simulasse um acidente, pois ele é o primeiro a reconhecer que o trabalho é uma necessidade social, e, portanto, um dever. Não admira, porém, que noutras zonas de menos cultura suceda o contrário e que não seja portanto difícil

(Continua na 5.ª página)

A voz do sino grande

RECORDAÇÕES

Semanas Santas dos meus dias de menino,
Que m'incutiam n'alma uma tristeza estranha,
Quando do campanário a voz grave do sino
Vinha desencantar os ecos da montanha!

Som cristalino, como as águas dos regatos,
Entrando em cada lar a recordar á gente
O drama do Calvário, em que Pôncio Pilatos
Á morte condenou o Verbo transcendente!

Quando cada fiel amigo de Jesus,
Á hora em que o silêncio era bem mais profundo
Vinha beijar os Pés, sangrando inda na Cruz
Do Mártir maior e Redentor do Mundo!

Semanas Santas dos meus dias de menino,
Que de recordações á mente me trazeis!
Quando eu m'entristecia ouvindo a voz do sino,
Plangente, amargurada, a chamar os Fieis...

Páscoa de 1963

UERBA

Dona Aurora Almeida Barbosa de Macedo

Na sua residência no Largo Doutor Oliveira Salazar, faleceu na passada quarta-feira, pelas 11,45 horas, a Senhora D. Aurora Almeida Barbosa de Macedo, de 71 anos de idade, esposa do Senhor António Augusto de Macedo.

A saudosa extinta gosa-va da maior estima e consideração por parte de todas as pessoas, especial-

mente nas classes humildes causando por isso o maior pesar.

Era mãe dos senhores, Jaime Barbosa de Macedo, Paulo Barbosa de Macedo, conceituado comerciante, Presidente da Direcção da Associação dos Bombeiros Voluntários e vereador Municipal; Joaquim Barbosa de Macedo, comerciante; João Barbosa de Macedo, proprietário; José Manuel

Barbosa de Macedo, funcionário da Caixa de Crédito Agrícola e Secretário da Junta de Freguesia; António Bernardino Barbosa de Macedo, comerciante e Felisberto Barbosa de Macedo, ausente nos Estados Unidos da América.

O seu funeral realizou-se ontem, pelas 9 horas, para o cemitério paroquial da Feira Nova, com grande acompanhamento de pessoas de todas as condições sociais, associando-se deste modo àquela manifestação de pesar.

Tribuna Livre apresenta à Família enlutada as suas sentidas condolências, especialmente ao Senhor Paulo Barbosa de Macedo, nosso estimado Editor.

O INCENDIO DA FRAGATA

Foi primeiro um rolo de fumo débil, a sair das madeiras que principiavam a ser queimadas. Depois o rolo engrossou, alargou-se numa espécie de manto a envolver o navio. Por fim as chamas irromperam, e de tal maneira alastraram pelo madeiramento centenário que a *Fragata D. Fernando* não pôde resistir.

Era um velho reformado, que para ali esteve no Tejo, durante anos, em serviços de instrução de artilharia naval, depois de ter cumprido como devia os seus deveres de navegação. Confiaram-lhe depois o encargo de educar e instruir rapazes sem recursos, preparando-os para entrar nas escolas da Marinha Mercante e de Pesca. E o velho centenário, até ao fim, até que as chamas o varreram, até que, adornado, se afundou nas águas do Tejo, sempre á altura do seu dever, sempre de mastros erguidos. Morreu ao serviço, apesar de

reformado. Morreu no seu posto.

Recordaram-se agora alguns dos factos da vida da fragata

(Continua na 3.ª página)

Fuga dramática de uma família

Dez pessoas fugiram estes dias da Zona Soviética da Alemanha para a República Federal atravessando o Elba num carro de lavoura transformado em jangada. A fuga dramática através do rio que hoje constitui parte da fronteira da Zona Soviética demorou uma hora inteira que exigiu dos fugitivos o máximo de energia e de esforço físico. Não há no mundo fronteira alguma como

aquela que separa alemães de alemães numa extensão de centenas de quilómetros de zonas despovoadas, campos de minas, barragens de arame farpado e cadeias de guardas vigilantes que abrem fogo a qualquer sinal de vida. Apesar de todos os obstáculos, há sempre quem arrisque a sua vida para passar da Zona Soviética para a parte ocidental da Alemanha. A sua coragem e a sua inventividade chegam a ser inimagináveis.

Foi a primeira vez que um grupo de pessoas utilizou um carro de lavoura para atravessar o Elba. Durante meses seguidos prepararam a fuga em segredo. Debaixo do carro de lavoura montaram uma série de tubos provenientes de uma aparelhagem de ventilar trigo. Começou assim a construção de uma jangada para duas famílias com filhos. Tiveram de esperar pela primavera quando o rio se apresenta livre de gelo e ainda não começou o trabalho nos campos. Uma vez que as fainas tivessem começado, os lavradores teriam de ter posto o

«OBRAS PORTUGUESAS»

de André Resende

Com a recente publicação das «OBRAS PORTUGUESAS», de André de Resende, a Lavraria Sá da Costa Editora possibilitou aos estudiosos o conhecimento directo de uma das mais curiosas figuras figuradas do nosso humanismo, cuja silhueta brilhou na corte de D. João III, impondo-se pelo saber, pela palavra, pela personalidade firme e constante

de que sempre deu provas. Foi a convinte deste monarca e pela mão de Resende que o humanista Clenardo se instalou na Corte portuguesa, como mestre do Infante D. Henrique.

São da apresentação da obra as seguintes palavras: «André de Resende, um dos maiores humanistas portugueses do sé-

(Continua na 3.ª página)

Continua na 4.ª página

TRIBUNA FEMININA

Entre nós, mulheres...

Influência Social do Cinema

UM LIVRO QUE OS PAIS DEVERIAM LER

É frequente ouvirmos papás e mamãs protestarem porque determinado filme não foi autorizado para menores de uma certa idade. Chegam mesmo a barafustar porque, tendo depois assistido à projecção desse filme, nada encontraram que a criança não pudesse ver. Ficam essas mesmas pessoas geralmente muito admiradas, quando sabem que há filmes não autorizados para certas idades, só porque as cores demasiado vivas ou o excesso de velocidade na passagem da imagem podem prejudicar, em alguns casos, essa coisa demasiado frágil que é a vista de uma criança. E ainda mais admirados ficariam se soubessem que lindas histórias — que lemos ou nos contaram sem o menor risco — têm, quando vistas na tela, algumas passagens, (verdadeiras cenas de choque) que podem originar — e muitas vezes isso acontece — longos períodos de insónias ou de pesadelos, o que, naturalmente, muito afecta o equilíbrio da saúde mental da criança. E isto, para só falar no caso dos mais pequenos.

Gostaríamos de que esses e outros pais lessem e meditassem um livro com que acabamos de travar conhecimento. Trata-se da «Influência Social do Cinema — Sexo, Crime e Censura», de um brasileiro de nome estrangeiro, Mark Koenigil, obra distinguida, no Brasil, com o prémio Carlos de Laet e que por acaso lemos, agora, em inglês — com o título «Movies in Society» — numa tradução primorosa de Maria de Freitas Treen, do College of the City of New York, uma senhora norte-americana de origem portuguesa, ilustre professora de português e também, por sinal, secretária de Adlai Stevenson, embaixador dos Estados Unidos na ONU.

Ficariam esses pais, por exemplo a saber — e segundo dados recolhidos por Armand Lanoux, um escritor francês especialmente dedicado aos filmes infantis e juvenis — que cenas como a da transformação de uma linda Rainha em hidionda feiticeira, a da mudança de um grupo de rapazes normais em ridículos burros, a do incêndio de uma floresta com os bichinhos a correrem apavorados ou a da luta arripante com uma aranha gigantesca (e isto em quatro lindas histórias contadas na tela) podem, pelo horror de que se revestem, aju-

dar a formar neuróticos. Tomariam, ao mesmo tempo, conhecimento amplo com graves problemas da juventude, que nem sempre é culpada de tudo aquilo de que a acusam, pois actualmente, e com raríssimas excepções, os jovens são educados em primeiro lugar pelo cinema, em segundo pela escola e só em terceiro pela família, quando deveria ser precisamente o contrário. Infelizmente, não é só a maneira de se pentear ou as atitudes o que grande parte das raparigas copia das «estrelas», nem são apenas as danças ou os casacos de couro o que os rapazes imitam dos «astros» preferidos. Em «Influência Social do Cinema» o assunto é debatido largamente e aí se vê, e com documentos absolutamente verídicos, que, na sua quase totalidade, os rapazes e raparigas criminosos ou em casas de correcção (um pouco por todo o mundo) confessam ter sido no cinema que se inspiraram para os seus crimes, sendo estes, em alguns casos, cópia fiel do que viram projectado. Com o cinema aprenderam a matar, a roubar, a torturar, a venerar o crimino-

so como um herói e a partir do princípio de que, na vida, nada mais interessa do que a questão sexual, o dinheiro e a violência.

Todos sabemos isto, mas todos, no entanto, criticamos a censura ao cinema, a qual, se tem defeitos, talvez o maior seja ainda o de ser benigna em tudo quanto diga respeito à criança e ao adolescente. E de lamentar é que assunto de tal importância seja tão pouco conhecido e debatido. Bom seria mesmo que as grandes agências noticiosas dessem as conclusões — arripantes conclusões — dos juizes de menor e dos psiquiatras nos vários países, com o mesmo desenvolvimento com que relatam os vários e sucessivos noivados de actrizes e actores ou descrevem, com todos os pormenores de sangue e de horror, os grandes crimes.

O cinema, contudo, pode ser e em certos casos é já um precioso auxiliar na tarefa da educação e formação das novas gerações. O que importa é que o vigiem e não o deixem corromper não só a juventude, como também, vamos lá, muitos homens e mulheres adultos.

Vamos agora até à cozinha?

No Alentejo, quando sobeja peixe frito, regam-no com um molho delicioso e só daí a uns dois dias comem o petisco. É o mais que famoso *Escabeche à moda do Alentejo*:

Num decilitro de azeite (pode servir o de fritar o peixe, depois de coado) põem-se as rodas de uma cebola grande, três dentes de alho, palitos de cenoura e uma folha de louro. Depois de estar tudo doiradinho, acrescentam-se: meio decilitro de vinagre, duas colheres, das de sopa, de água — onde se misturou uma colher de farinha de trigo — um raminho de tomilho, sal, pimenta e um pouco de colorau picante. O todo ferve durante uns vinte minutos, deitando-se, depois, sobre o peixe. Pode conservar-se assim durante todo o tempo que se quizer.

Como o peixe deixa sempre um certo mau gosto na boca, vamos experimentar, em seguida, um docinho regional, que remedeie, pela sua doçura, o tal defeito do peixe. Pode ser, por exemplo, o afanado e caro *Massapão do Algarve*: Tiram-se a casca e a pele a

duzentas gramas de amendoa. (Tira-se a pele com toda a facilidade, desde que se escale o miolo da amendoa com água a ferver e se deixe estar, bem coberto, dentro da água, por uns cinco minutos). Secam-se as amendoas muito bem, misturando-se-lhes 200 gramas de açúcar e passa-se o todo pela máquina, tantas vezes quantas as precisas para que fique transformado numa massa fina e homogénea.

Mistura-se a clara de um ovo e amassa-se até esta ficar bem ligada à massa. Pode colocar-se a massa num tabuleiro e deixar secar, partindo depois aos bocados, ou então fazer peras, figos, maçãs, peixes ou flores, deixar secar e pintar a gosto. É uma das mais deliciosas pastas conhecidas na doçaria. — ANI

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

UTILIDADES

— Água amoniacal: uma colher das de sopa, de amoníaco em meio litro de água morna.

— As pratas podem ser limpas com uma pasta feita de bicarbonato de soda e água. Esfregue com a ajuda de um pano macio, deixe secar, escorrendo em seguida.

— As escovas de dentes devem ser lavadas uma vez por semana com água oxigenada ou passadas por álcool.

— Nódos de lama em tecidos pretos tiram-se esfregando-se com batata crua.

— As manchas de bolor tiram-se da roupa branca mergulhando esta numa solução de três litros de água com uma colher de lixívia e duas de vinagre de álcool. Deixa-se estar durante duas horas, esfregando de vez em quando.

— Para dar brilho às peles, esfregam-se ao correr do pelo

com um pedacito de flanel embebido em petróleo.

— As manchas de suor ram-se, enquanto estão húmidas, com álcool. Se já estiverem secas, experimente amoníaco diluído em água. Se forem antigas, só sairão com ácido oxálico diluído em bastante água.

— Para se voltar a utilizar lâ usada, formam-se meadas que se lavam em água de sabão e depois em água limpa. Não é preciso esfregar: basta mergulhá-las na água e agitá-las. Depois espremem-se entre duas toalhas turcas e deixam-se secar enfiadas nas costas de uma cadeira.

— Os quadros a óleo limpam-se com um pedaço de batata.

— As nódos de açúcar tiram-se com éter ou benzena.



AO PREFERIR

«JORNAL FEMININO»

Prefere a revista mais portuguesa de Portugal.

Gosta de estar actualizada em moda, culinária, cinema, literatura, crochet, tricot, maquilhagem, decoração e tantas outras coisas que a mulher deve saber?

Então, compre de quinze em quinze dias «JORNAL FEMININO» — Da mulher para a mulher. Sai aos dias 1 e 15 de cada mês. Envie a foto do seu bebé para a Galeria Infantil desta revista. Horóscopo, concursos, reportagens, entrevistas «JORNAL FEMININO» companhia amiga, leal e sincera.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE: TELEF. 30796 Rua D. João IV 904 PORTO

Tenha a seu lado uma verdadeira companheira!

«JORNAL FEMININO»

DA MULHER PARA A MULHER

É a companheira, mais amiga, mais completa, porque lhe dá bons conselhos e porque a distrai.

Moda, Cinema, Beleza, Culinária, Bordados, Crochet, Tricot, Consultas, Horóscopo, Romance.

Envie a foto do seu bebé para a redacção de: «JORNAL FEMININO», Rua D. João IV, 904 PORTO

Faça acompanhar essa fotografia de dez selos de 1\$00 e verá o seu bebé na Galeria Infantil desta revista.

JORNAL FEMININO, uma revista feminina que os homens gostam de ler.

TRIBUNA do CONCELHO

Trabalho, trabalho,

MAIS TRABALHO

É vulgar dizer-se que há números mais expressivos do que longas tiradas oratórias ou buriladas imagens literárias: efectivamente, somos dos que consideram muito mais incisivo um argumento numérico, manejado com propriedade, do que fastidiosas alegações, recheadas de palavreado.

Este é precisamente o caso que hoje constitui o tema da minha crónica: a simples enunciação, seguida do comentário explicativo, de dois números acabados de divulgar pela Repartição de Estatística de Angola — números que naturalmente traduzem o resultado final de uma evolução que, ao longo do ano findo, apresentou «altos e baixos». Não foram, pois, adrede preparados para efeitos propagandísticos.

Mostram os dados estatísticos da Balança Comercial de Angola, relativos ao ano findo, que esta província atingiu, em 1962, novos «máximos» quanto ao volume e valor das suas exportações: 1.408.328 toneladas e 4.348.108 contos.

O facto de tais números excederem todos os anteriores não constituiria, só por isso, facto extraordinário, que merecesse registo especial. Mas acontece que a diferença desses resultados, em relação ao crescimento médio registado nos anos anteriores, é sobretudo importante e tem de ser posta em relação com factos reais, que não podem nem devem ser omitidos.

Em primeiro lugar, há a considerar que o aumento das exportações, em volume, foi de 79.710 toneladas — o que demonstra não ter havido qualquer quebra no ritmo das actividades produtivas ou extractivas da Província, pois nem sequer se registaram condições ecológicas excepcionais, que pudessem justificar, por exemplo, colheitas extraordinariamente abundantes de uma ou outra produção agrícola, antes pelo contrário houve substancial redução na colheita do milho, que é tradicionalmente uma das de maior volume.

Por outro lado, o aumento foi de 473.992 contos quanto aos valores, o que, embora resultando em parte da melhoria das cotações do café, do sisal e de mais dois ou três produtos, significa, além do mais, que não sofreu perda de ritmo a cultura dos produtos ricos, entre estes o café, cuja distribuição geográfica corresponde justamente às zonas em que mais intensamente se fez sentir o surto terrorista de 1961.

Ora os resultados da Balança Comercial de 1962 reflectem, em grande parte, o ritmo

de trabalho do ano anterior. As boas colheitas de produtos agrícolas do ano findo foram grandemente o resultado dos aturados trabalhos de desbravamento das terras, do alargamento das sementeiras e plantações e dos cuidados culturais durante aquele agitado ano, em que as preocupações da manutenção da ordem e da segurança individual foram, por força dos acontecimentos provocados do exterior, colocadas em primeiro plano.

Se da agricultura nos voltarmos para as actividades extractivas dos mares ou do subsolo, também o aumento das produções derivadas desses sectores é o resultado de aturado trabalho preparatório, realizado em grande parte no período mais angustioso da história da Província, vivido até hoje.

E isto, que é um facto irrecusável, expresso em números, constitui a mais flagrante afirmação de apego à terra, dada pelos colonos e, de um modo geral, por todos os portugueses de Angola — que nunca, nem mesmo nas piores horas, se deixaram desorientar, e verdadeiramente, como os números o comprovam agora, souberam sempre empunhar numa mão a espada e na outra a enxada.

Estes são os factos reais, que concludentemente demonstram e com rovam que nenhuma ameaça, nenhuma campanha de intimidação conseguirá jamais fazer-nos perder a consciência da nossa missão civilizadora e da nossa presença nestas terras. Porque civilizar é, antes e acima de tudo, dar o exemplo do trabalho produtivo, do aproveitamento racional e metódico dos recursos do solo e do

Obras Portuguesas

(Continuação na 1.ª página)

culo XVI, relacionado com as principais individualidades da parte da Europa em que era lícito exprimir livremente o pensamento, pôde, apesar da sua profunda afeição a Erasmo, publicamente confessada, escapar às malhas da Inquisição, sem sofrer os vexames e a perseguição a que foi sujeito Damião de Góis, seu contemporâneo e amigo, e outros».

O volume, que inclui os trabalhos «História da antiguidade da cidade de Évora», «Vida do Infante D. Duarte», «A santa vida e religiosa conversação de Frei Pedro» e uma «Carta a D. João de Castro», está enriquecido com um lúcido e pertinente prefácio da autoria do professor José Pereira Tavares, e constitui o 102.º publicado da utilíssima Coleção de Clássicos Sá da Costa. Numa colecção com as características desta, notava-se a falta da presença de André de Resende, uma vez que a sua obra, apesar de muito falada, não era lida e conhecida como se impunha, dada a sua realidade.

subsolo — pois todas as veleidades de elevação social, de progresso espiritual e de conquistas políticas caem pela base, se antes disso não se procurar alimentar os homens, cuidar da sua saúde e proporcionar-lhes melhores condições de vida. O que não se consegue com discursos, nem com partidos políticos, nem com movimentos pró-independência, nem com intervenções da ONU — mas apenas com trabalho, trabalho e mais trabalho. — ANI

Visado pela Censura

Os pés pelas mãos

... e mais depressa se apanha,
Mesmo fugindo ao arrôcho,
Um mentiroso com manha
Do que um pobre velho coxo.

Ora foi que ao Senegal,
Que a matreira Rússia aboca,
Apanhou-o Portugal
Com a patranha na boca.

Mentiu, como hoje se mente
Por todo o mundo, afinal;
Mas Portugal não consente
Que se alastre tanto o mal.

Porém, na O.N.U., as matulas
Dos vários doutores meãos,
Repetem as farças chulas,
Metendo os pés pelas mãos...

UERBA

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Cá tivemos a festa da Páscoa. A visita pascal, sempre animada, trouxe muitos ausentes a Lago. É sempre alegre ver os ausentes. Porém essa alegria sobe de ponto quando aliada com a ressurreição do Senhor e com a bênção pascal. Já não vos falo dos doces, das roscas amarelas, nem das belas pingas, tão características na visita pascal. Procedo assim para vos não fazer vir água à boca... com

saudades e também com um bocadinho de gula!...

Mordomo

Foi e é ainda mordomo da Cruz o Senhor Miguel Gomes, da Ribeira, o qual só deixará o cargo em 31 de Dezembro de 1963. Fez de Cireneu o Senhor Miguel Lopes Gomes, comerciante, e filho mais velho do Snr. Mordomo. Este desfez-se em amabilidades com os membros da comitiva pascal e foi também ele mesmo objecto de muitas atenções por parte das famílias visitadas.

No fim da visita pascal houve a tradicional procissão, desde o Largo do Paço até à igreja paroquial. À frente a campanha accionada pelo tocador oficial. Depois, a cruz ornamentada, na mão direita do Snr. Mordomo, seguido pelo Pároco e restantes membros da comitiva pascal. Atrás seguia o povo cantando: Bendita e louvada seja a alegria da Virgem Maria! Ela viu seu filho morto, ressuscitou! Aleluia! Aleluia, Aleluia!! Impressiona-me, sobretudo, o entusiasmo com que todos cantam.

É tudo por hoje.

Vosso: J. Moreira.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã — A Snra. D. Maria Isabel dos Santos Araújo.
Dia 1 de Maio — A Snra. D. Elsa Mendes Tome.

ANIVERSÁRIO

Passou no dia 15 do corrente, o seu aniversário natalício, o Snr. Manuel Almeida Veloso, nosso particular amigo e assinante deste semanário.

Por tão faustosa data Tribuna Livre na impossibilidade de o fazer no próprio dia como era justo, felicita o aniversariante e faz votos pela continuação de uma vida longa, na companhia de toda a família.

EDITAL

José Manuel de Macedo, Presidente da Assembleia Geral da Sopa dos Pobres de Ferreiros Amores:

Faço saber que de harmonia com as disposições estatutárias, convoco todos os associados desta Instituição, em pleno gozo dos seus direitos, para se reunirem em Assembleia Geral ordinária, que terá lugar no dia 29 do corrente, pelas 20 horas, na sede desta Instituição, a fim de se pronunciarem acerca das contas de gerência e relatório da Direcção, relativo ao exercício do ano findo de 1962.

Não comparecendo a maioria dos associados, funcionará a mesma Assembleia duas horas depois com qualquer número.

Ferreiros Amores, 20 de Abril de 1963

O Presidente da Assembleia Geral

José Manuel de Macedo

HUMORISMO

Anedotas

A patroa para a nova criada:

— Sabes passar a ferro? Olhe que a última criada que cá esteve queimava-me a roupa toda...

A criada — É que não tinha bom nariz, minha senhora. Eu logo que me cheira a queimado, mudo de ferro...

Um velhote, furioso porque o médico lhe dissera que a dor que sentia numa perna podia ser devida à idade, respondeu assim:

— Qual idade, nem qual carapuça! A outra perna tem a mesma idade e está perfeitamente boa!

Auxiliai a campanha
pró - fardamento da
Banda dos Bombeiros
Voluntários de
AMARES

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»

Fuga dramática de uma família Previdências Alemãs contra o «Imã Americano»

(Continuação da 1.ª página)

carro e as demais alfaías agrícolas ao serviço da chamada cooperativa de produção.

Era noite escura quando as duas famílias saíram da sua aldeia. Atravessaram o pesado carro de lavoura a dois automóveis. Levaram consigo todos os bens que cabiam no carro. Atingiram a margem leste do Elba. Desmontaram à pressa os pneus dos automóveis, que pretendiam utilizar como flutuadores.

Quando a jangada estava pronta, os fugitivos verificaram com horror que o motor da propulsão da embarcação, construído com imensa paciência não funcionava. Ao

sabor da corrente do rio, foram arrastados rio abaixo. Hoje ninguém sabe quem teve a ideia que lhes salvou a vida. Em todo o caso arrancaram as tampas das malas e começaram a remar com elas.

Quando a jangada chegou a meio do rio, guardas do serviço alfandegário da República Federal puderam prestar auxílio rebocando a jangada e tomando a bordo dos seus barcos de vigilância as mulheres e as crianças. Felizmente, na margem leste do rio ninguém deu pela manobra arriscada e todos chegaram sãos e salvos à margem esquerda do Elba.

O Prémio Nobel Mössbauer deve voltar para a Europa— «Euratom» tenciona construir

um instituto para o investigador e o seu grupo de trabalho

Os grandes centros de investigação científica dos Estados Unidos exercem há anos uma atracção mágica sobre os jovens cientistas em todo o mundo. Nos últimos quinze anos foi considerável o número de jovens cientistas alemães, sobretudo químicos, físicos, astrónomos e técnicos, que abandonaram institutos e fábricas alemãs para aceitarem ofertas americanas. É compreensível que tanto as universidades como centros de investigação na República Federal da Alemanha envidem esforços para combater os efeitos do «Imã Americano».

Integra-se nesta campanha o projecto da «Euratom» proposto por entidades alemãs. A «Euratom» mantém há algum tempo um centro de investigações nucleares em Ispra, na margem do Lago Maggiore. De parte alemã propôs-se agora agregar a este centro europeu um novo «instituto de física nuclear» dotado da aparelhagem mais moderna. Este instituto dedicará-se exclusivamente a investigações de base. Pre-

tende-se oferecer a direcção do instituto ao jovem físico alemão Rudolf Mössbauer, esperando-se que ele traga dos Estados Unidos o seu grupo de trabalho, conhecido e todo o mundo sob a designação de «Grupo Mössbauer».

O físico muniquense Dr. Rudolf Mössbauer contava apenas 32 anos quando, em fins de 1961, foi agraciado com o Prémio Nobel de Física.

Foi-lhe atribuído o prémio em reconhecimento da descoberta do chamado «efeito Mössbauer». O jovem investigador conseguiu em Munique medir a ressonância de radiações gama quando do choque de núcleos tomados. Abriu assim caminho a um método exacto de medição no domínio das energias.

BOLETIM DE ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da obra «LENDAS DE PORTUGAL», enviando-me:

- * Um fascículo por mês, ao preço de VINTE ESCUDOS
- * Dois fascículos por mês, ao preço de TRINTA E SETE ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS
- * Séries de seis fascículos, ao preço de CENTO E DEZ ESC.
- * Séries de doze fascículos, ao preço de DUZENTOS E VINTE ESCUDOS.

(Riscar o que não interessa)

Nome _____

Morada _____

(Escrever de forma bem legível)



RELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

LENDAS DE PORTUGAL

UMA OBRA QUE INTERESSA AO POVO PORTUGUÊS

TEXTO DE GENTIL MARQUES

Com numerosas ilustrações a cores,
dentro e fora do texto, pelos
Melhores Artistas Portugueses Contemporâneos

Fascículos de 32 páginas, formato 25,5x19,5

**O TESOURO DISPERSO DAS NOSSAS
LENDAS TRADICIONAIS REUNIDO
PELA PRIMEIRA VEZ**

Lá encontrará a lenda da sua Terra...

UMA NOVA EDIÇÃO DE
Editorial Universus

PORTO

Praça do Município, 287-2.º

LISBOA

Praça da Alegria, 58-2.º

S. Paio de Seramil

(CONTINUAÇÃO)

Os livros dos Capítulos de outras freguesias contêm ordens circulares relativas a esta mesma época, das quais ressalta a verdadeira animosidade com ameaças e ordens de punição contra todos os membros do clero que então se manifestaram e lutaram de armas na mão para que não triunfasse a causa do liberalismo. Mal lhe adivinhavam ainda as trágicas consequências!

* * *

E agora, quase para findar, umas breves considerações sobre a disciplina das «visitas», feitas pelo que se liga de umas às outras e pela pouca importância em que os fregueses tinham as ordens e determinações dos «visitadores».

Não era porque fosse menos razoável e justo o que prescreviam, tudo a favor da boa conservação dos bens e valores culturais, como da decência e compostura religiosa na assistência aos actos religiosos, mas, porque a época foi de natural rebeldia insuflada nos ânimos pela demagogia que avassalou as próprias montanhas, mal os Visitadores voltavam costas, as suas recomendações caíam na letra morta do assento nos livros dos Capítulos, com as penalidades que deixavam cominadas aos infractores. Estes preferiam suportá-las monetariamente, dada a sua insignificância, a cumprir o que por consciência deviam no período da sua função da mordomia e zeladores da igreja. Contavam de antemão, e de visita para visita, com a benévola insistência dos Visitadores.

Esta crise de desobediência, de modo geral observada por toda a parte, quando tantas cabeças ocas de bom senso, e sem discernimento para cada uma acertadamente poder pensar por si, começaram a extasiar-se às primeiras fumaças do livre pensamento, se não deixaram desmoronar-se em ruínas, já a este tempo, todas as igrejas e mosteiros, capelas e ermidas solitárias, fruto e demonstração da crença e dedicação, de avós, foi porque a época anterior, especialmente desde el-rei D. João V, tinha sido de sólida reforma, ampliação e reconstrução da maior parte desses valores de um património sagrado de cuja conservação e zelo pode auferir-se, ainda que os céuticos e materialistas o contradigam, o relativo bem-estar dos povos dos campos ou das cidades. Partindo de que a igreja aldeã foi durante muitos séculos o centro de toda a formação e evolução da cultura em seu meio, como os mosteiros em seus coutos e jurisdições, não admira que a mentalidade laica, que se propôs presidir aos destinos das novas gerações, folgasse de ver em ruínas pedras de monumentos em que já sentiam tropeçar-lhe os primeiros passos. Mesmo assim ficaram sinais bem evidentes dessa obra nefanda, bem patente aos olhos de quantos a queiram meditar, enquanto dessas mesmas ruínas vão surgindo pouco a pouco novas esperanças!

* * *

Esta freguesia só há umas escassas dezenas de anos teve a sua escola oficial. Deveu-se tal à necessidade de um pai colocar o filho, debilmente classificado em suas provas finais para o magistério. Há males que redundam em bem. Construída então em terreno próprio, para atender ao mínimo dispêndio, deu em resultado ficar mal centralizada em relação a todos os lugares da freguesia, por situar-se em seu extremo.

Verdade seja que anteriormente todas as crianças, cujos pais sentiam o grave dever de mandar os filhos à escola, concorriam à de Vilela e logo desde a tenra idade começavam a treinar as pernas nas grandes caminhadas diárias para as mais longas jornadas das feiras e romarias, quando já adultos, em tempos que era muito inferior o grau de comodismo das nossas gentes, pela falta de meios de viação que bem depressa sentiram o progresso de que hoje se disfruta.

Nem por isso essas primeiras viagens de alguns quilómetros diários, feitos muitas vezes à chuva e ao vento, e contra estes, mal defendidos os corpos das crianças, os tornaram menos resistentes para a luta da vida. A Natureza é mãe, mesmo com seus próprios rigores, para quem se não habituou a ver sempre nela uma madrastra.

(Continua no próximo número)

Telefone do serviço permanente dos Bombeiros
V. de Amares 62162

A Previdência

Continuação da 1.ª página

deparar com inqualificáveis abusos, que são, afinal, fruto da ignorância e da miséria prolongada.

A fome, a indigência, a sujidade, arranham a alma do homem, amarfanhando a sua dignidade, transformando-a num farrapo vil.

E temos de confessar que ele não é culpado de descer tão baixo na escala dos valores morais.

Criemos pois o ambiente favorável ao nascimento no nosso país de um sistema de previdência nacional que nos dignifique e que seja, na verdade, aquilo que realmente merecemos.

O Incêndio da Fragata

Continuação da 1.ª página

D. Fernando II e Glória — este era o seu nome — desde aquele maio dia de Outubro de 1843, há cento e vinte anos, em que foi lançada à água, no estaleiro de Damão («caiu finalmente ao mar», como dizia na época o Boletim do Estado da Índia) depois de por mais de onze anos se terem afadigado a construí-la. Deveria, pois, a sua construção ter principiado por 1832, em pleno reinado de D. Miguel; mas como o destino é caprichoso, quis dar-lhe o nome dos sobrinhos e adversários vencedores do regime tradicional. Bem se pode dizer dos navios o que se tem dito dos livros: *habent a sua fata*. Na verdade, os navios têm o seu destino. Tudo, afinal, tem o seu destino.

Do estaleiro da Damão (naquelles tempos havia estaleiro em Damão) foi a fragata levada para o arsenal de Goa, onde lhe plantaram os dois mastros, a aparelharam e artilharam com algumas dezenas de peças.

Não importa agora insistir nos factos antigos em que participou a fragata: actos de guerram e de paz, transportes de tropas e viagens de representação. Interessa, porém, fixarmo-nos na sua missão derradeira. Essa missão era de salvar homens.

A *Obra Social da Fragata D. Fernando* resultou da conjugação de boas vontades, de espírito prático, e de sentido certo de realizar. As boas vontades, encontraram-se perante o problema dos rapazes desprotegidos de uma grande cidade, naturalmente em perigos de tentação para o mal. Como eram boas-vontades, e não apenas boas-intenções, agiram, projectaram-se em acção. E, como não lhes faltava espírito prático, este apontou-lhes um caminho — e que outro melhor para a velha fragata, a que se dava assim, no final da reforma, um préstimo sobre todos honroso? Em vez da casa mais ou menos de pedra e cal, mais ou menos de cimento, havia ali, para centena e meia de rapazes, um lar, um meio de formação de carácter, uma

Fernanda Maria

Para os apreciadores do fado, desse fado português por excelência, tal o samba é brasileiro e o tango sum americano, o nome de Fernanda Maria é conhecido e apreciado. Depois da Severa, da Amália e de tantas outras ilustres fadistas, que ainda vivem e cantam, surgiu Fernanda Maria.

Fernanda Maria nasceu fadista, como poderia ter nascido engenheira ou mulher de letras. De facto ela canta o fado com tanta emoção, com tanta categoria, que chegamos a esta conclusão.

Ela própria nos confessa que foi sempre a sua grande pai-

xão. E sente-se evidentemente contente por ter conseguido materializar o seu sonho, o quem nem sempre sucede com outros mortais.

Nascida em plena freguesia da Mouraria, essa Mouraria da Severa e de tradições que nem o próprio camartelo municipal lhe arrancará, Fernanda Maria viu a luz do dia pela primeira vez em 6 de Fevereiro de 1937. Começou a cantar aos 12 anos e aos 13 estreou-se oficialmente como amadora.

Isso sucedeu no restaurante típico «Parreirinha de Alfama», que ainda existe como centro de recreio onde nacionais e estrangeiros vão ouvir cantar o fado, o fado dolente, melancólico, triste, mas belo, muito belo. E é isso que conta. Creio que não há um único estrangeiro que deixe de visitar uma dessas casas típicas portuguesas, onde se canta o fado a rigor, quando se deslocam a Lisboa. Seria o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa.

Pois Fernanda Maria, com a sua vocação respeitada na íntegra, com a sua boa vontade, com a sua inteligência e acima de tudo com um estudo aturado, conseguiu um lugar de destaque no meio artístico.

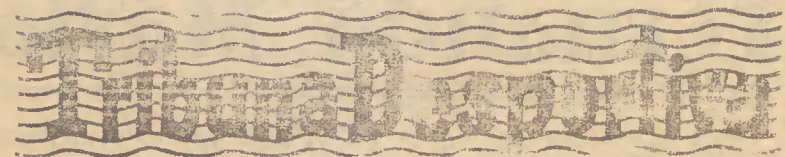
Imensas cartas de admiradores seus de todo o País e do estrangeiro, provam o seu valor. Igualmente tem recebido muitas propostas do estrangeiro e do Ultramar para cantar nos países e províncias de onde provêm tais propostas. Fernanda Maria continua a nossa tradição de país do fado, país do fado como não há outro. Os próprios estrangeiros, ao visitar-nos especialmente para ouvir cantar este, fazem constatar os mais incrédulos que a verdade é esta: Portugal tem um lugar único nesta interessante canção. E é graças a Fernanda Maria e a outras fadistas de raça que tal sucede. Parabéns pois para esta ilustre compatriota que colabora grandemente no prestígio do País.

João Correia

discreta, dir-se-ia que inofensiva. Mas a *Fragata* era de madeira e a madeira estava seca. Seria pedir muito, um movimento de solidariedade, que transformasse essa pequena chama de maçarico na origem de um movimento geral no sentido de permitir não só continuar, mas alargar a todo o País a *Obra Social*, essa *Obra* que se propõe, segundo a letra do regulamento, «recolher, educar e instruir rapazes sem família ou sem recursos dos 12 aos 16 anos, afim de facilitar o seu ingresso na Marinha Mercante ou na de Pesca ou em outras profissões»? Repararam, por certo: «ou em outras profissões».

Acabamos de passar a época em que as grandes empresas apreciam as contas de lucros e de prejuízos. Será preciso dizer mais?

Foi numa simples chama de maçarico que incendiou a *Fragata* e deixou cento e tal rapazes sem o seu lar. Uma simples chama de maçarico,



CONVERSA DE CAMPEÕES

Fala-se tanto de campeões, em Lisboa, por estes dias, que todas as conversas das tertulias desportivas giram à volta do mesmo tema.

O Benfica prepara-se para mais uma vez ser Campeão da Europa: foi empatar com o Feyenoord à Holanda e prepara-se para o receber com todas as honras no Estádio da Luz; o Zero-Zero da primeira «mão» poderá converter-se, com toda a naturalidade, em «goleada» e passagem à final, em Londres, no salão nobre do futebol europeu, Wembley, durante as festas comemorativas do centenário do futebol inglês.

Por outro lado, chega a Lisboa a equipa detentora do título mundial de futebol: a turma do Brasil, com Pelé, Amarildo e os outros auriverdes, «jongleurs» do futebol, Harlem Globetrotters do jogo do pé e da cabeça. Os campeões mundiais vêm com uma missão especial: agradecer a Portugal o brado de alarme que fez soar, no Brasil, pouco antes do Mundial do Chile, demonstrando que a turma brasileira não estava realmente tão forte que conseguisse melhor do que uma vitória escassa contra uma equipa ida de cá e já esgotada e ainda mais esgotada com dois jogos em três dias.

Esse brado de alarme serviu para que a turma brasileira se pre parasse a sério — e ganhasse segundo título mundial.

E até o único «caso» da semana, dentro do âmbito do futebol, se deu com um campeão já tido como certo — o clube da Póvoa do Varzim, que comanda a classificação no Campeonato Nacional da Segunda Divisão e anda às voltas com um incidente: apurou-se que ao seu guarda-redes titular, Justino, teria sido oferecida a quantia de vinte contos se no próximo encontro com o Marinhense «facilitasse» a missão dos avançados contrários. E a oferta teria ainda outro aspecto: no caso de não querer «facilitar», então poderia receber dez contos se «adoecesse» e o seu lugar acabasse por ir para o guarda-redes suplente.

Ora o jogador informou os dirigentes do que se passava e há um protesto oficial apresentado pelo Póvoa do Varzim contra o Marinhense. Casos de campeonato e de campeão...

Noutra frente do desporto, porém, se fala igualmente de campeões e de campeonatos: a turma portuguesa de hóquei em patins foi a Montreux disputar o torneio da Páscoa, agora dotado com a Taça Hispania, e regressou com uma vitória total: cinco jogos disputados e cinco vitórias, ganhando à Espanha por 2-0 — o que ultimamente não acontecia, pois as duas turmas mais

fortes do mundo têm liquidado os seus encontros com empates.

Para a vitória da equipa parece ter contribuído decisivamente o novo treinador e seleccionador — que é nem mais nem menos do que o antigo campeão nacional, europeu e mundial de hóquei, Jesus Correia, um dos homens que revolucionou, no período a seguir à Segunda grande guerra, o hóquei mundial. No jogo com a Espanha, o seu golpe tático foi apenas este: passar para principal atacante o médio Adrião, considerado o melhor médio de que há memória. Pois foi exactamente Adrião, o médio de que os defesas se esqueciam, quem marcou os dois golos contra a Espanha.

Neste sector fala-se apenas de Campeões: vai disputar-se dentro de dias, no Porto, o Campeonato Europeu de Hóquei em Patins — e a turma portuguesa apresenta-se, depois do seu brilhante comportamento em Montreux, favorita declarada ao título — a todos os títulos que a façam disputar.

«Mais do que campeão: um conjunto campiónissimo...»

Alvaro Conde

de novo campeão regional de fundo em estrada

No habitual percurso entre a Praia do Guincho e Algés, disputou-se o Campeonato Regional de Fundo em Estrada, na distância de 30 km.

Conpareceram apenas quatro atletas, mas verdadeiramente só Alvo Conde patenteou classe própria de um verdadeiro especialista.

Foi pena que não tivesse podido contar com quem o acompanhou, pois isso se tivesse verificado, o seu tempo final teria sido bem melhor.

O nosso campeão venceu com facilidade fazendo, mesmo assim, um tempo muito bom.

Esta foi a 24.ª edição da prova e o Sporting averbou o seu 2.º campeonato em toda a história da prova.

Verifica-se, portanto, que Alvaro Conde foi até à data o único atleta do Sporting a vencer esta competição.

No dia 28 do corrente mês disputa-se a última prova do calendário de estrada com a tradicional Maratona.

Alvaro Conde partirá como um favorito indiscutível, visto que Armando Aldegaleta, vencedor da mesma prova no

Não sofre contestação a vitória que Portugal obteve sobre a selecção brasileira de futebol: vitória escassa, pela margem de um golo apenas, mas vitória convincente, que, se traduzisse por mais um ou dois golos, não seria excessiva.

Nunca uma selecção portuguesa de futebol, sempre tão surpreendente nos seus resultados, tão depressa fazendo o bom como o mau, conseguiu resultado de tão valia. De facto, vencer os campeões mundiais não é proeza fácil e foi isso que os portugueses conseguiram, vencendo e convencendo ao mesmo tempo.

Sob a arbitragem do francês Fauchaux, as equipas alinharam:

PORTUGAL — Costa Pereira, Festa e Cruz; Fernando Mendes, Raul e Vicente; José Augusto, Eusébio, Hernani, Coluna e lauca.

BRASIL — Gilmar, Djalma e Altair; Zito, Mauro e Claudio; Dorval, Gerson, Amarildo, Pelé e Pepe.

No segundo tempo Pepe e Amarildo foram substituídos por Zagalo e Quarentinha e na equipa portuguesa Rocha substituiu Hernani aos 25 minutos, passando lauca para a

extrema-direita e José Augusto para o centro do terreno.

Ao jogo assistiram o Chefe do Estado, contra-almirante Américo Thomaz, e o ministro da Educação Nacional, prof. Galvão Teles.

A partida principiou com os portugueses ao ataque. Sairam os brasileiros, mas a bola não passou do meio-campo e logo a avançada portuguesa ensaiou uma descida, que acabou por se perder nos pés de Dorval. Minutos decorridos, a equipa portuguesa criou a primeira sensação de perigo: Eusébio marcou um canto, Gilmar defendeu com os punhos para a frente e apareceu Cruz, que dominou o esférico à vontade e atirou um remate fortíssimo, o qual passou a rasar a barra. O jogo repartiu-se pelos dois meios-campos, muito equilibrado, com frequentes descidas de uma e outra linha dianteira à grande área do adversário.

Portugal mostrava-se já a melhor equipa no terreno e de Pelé, o «Rei», nem sombra. Vicente, que já nos outros encontros Portugal-Brasil «secara» completamente o avançado brasileiro, mais uma vez o dominou por completo. Basta dizer-se que Pelé tocou pela primeira vez na bola precisamente a meia-hora de jogo. Nesta primeira parte houve dois golos anulados: um dos brasileiros, num livre indirecto por falta de Festa sobre Pepe, que este marcou directamente; o outro dos portugueses, num remate de cabeça de lauca, que estava, porém, fora de jogo.

A segunda parte iniciou-se no mesmo geito de ataque de Portugal, resposta do Brasil, obrigando os guarda-redes a trabalho aturado. Finalmente, depois de uma grande defesa de Costa Pereira, fortíssimo remate de Pelé, e de uma perda de lauca, que sózinho em em frente da baliza atirou ao lado, surgiu o golo que daria a vitória à equipa portuguesa. A jogada principiou em Coluna, que centrou imediatamente; José Augusto, colocado entre Mauro e Gilmar, cabeceou com êxito, perante o desespero de Gilmar, que nem teve tempo para se fazer à bola. Iam decorridos vinte e seis minutos.

Volvidos apenas três minutos, num lance idêntico, José Augusto marcou novo tento, mas estava dessa vez deslocado e o golo foi anulado. Também os brasileiros tiveram um golo anulado, ao 38 minutos, por carga irregular de Pelé a Costa Pereira.

E com as duas equipas ao ataque — a de Portugal procurando consolidar a vantagem, a do Brasil em busca do empate — terminou o desafio por entre o entusiasmo das sessenta mil pessoas que enchiam inteiramente o Estádio Nacional, no Vale do Jamor.

Futebol nas Ilhas: Ponta Delgada

A contar para a Taça Aviação em futebol, defrontaram-se o União Micaelense e o Santa Clara, tendo o jogo terminado empatado a uma bola. A classificação é a agora a seguinte: Marítimo, 7 pontos; Operário e Santa Clara, 6; União Micaelense, 2; União Sportiva, 0.

Ciclismo

campeonato distrital da FNAT

É, no próximo domingo, dia 28, que tem início o campeonato distrital da FNAT.

A nossa equipa estará presente em representação de «MODELAR» e esperamos que os nossos rapazes confirmem uma vez mais a sua categoria.

Este ano as provas vão ter grande interesse, dado que terá mais uma equipa representativa deste concelho que será a Firma Eusébio Expositos, & Filhos, que se tem empenhado na aquisição de corredores categorizados e tudo leva a crer que seja uma das melhores equipas na competição.

Aguardamos e esperamos dos nossos rapazes a melhor classificação.

Visado pela Censura

AGRADECIMENTO

Pediu, há dias, a Direcção do Grupo Desportivo «Leões da Modelar» à Ex.ma Direcção do popular clube lisboeta Sporting Club de Portugal a permuta dos jornais «Tribuna Livre» e «Sporting».

Deferido o pedido, e outra coisa não era de esperar de uma compreensiva e digna Direcção do Grande Clube Português, até porque as cores do nosso grupo o atestam, já recebemos o primeiro jornal «Sporting» que muito nos honra, e prestigiamos ainda mais, o Sporting Club de Portugal.

Um Sincero Obrigado,

Leões da Modelar

José Araújo

MECÂNICO DO SPORTING

NA VOLTA À ESPANHA EM BICICLETA

A equipa nacional de ciclismo, que deve seguir para Espanha no dia 24 ou 25, será acompanhada, entre outros elementos, pelo mecânico José Araújo.

O facto constitui motivo de agrado pela justiça que encerra. José Araújo, que é mecânico do Sporting, foi considerado o melhor mecânico dos que costumam ir à Volta a Portugal.